

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PROCESSADAS PELAS ATIVIDADES DE LITERATURA: *EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO ENSINO MÉDIO*

Maria Fatima Menegazzo Nicodem

Especialista em Lingüística Aplicada – PUC-MG

Mestranda em Engenharia da Produção – Mídia e Conhecimento – UFSC

Prof^a de Língua Portuguesa e Lit. Brasileira e Metodologia Científica – CEFET – Medianeira

RESUMO: O artigo **INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PROCESSADAS PELAS ATIVIDADES DE LITERATURA: *EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO ENSINO MÉDIO***, trata de experiências vivenciadas durante o ano letivo de 2000, pela autora, docente do ensino médio e seus alunos, no intuito de se proporcionar prazer aos protagonistas do processo ensino-aprendizagem de literatura. Inclui também registros sobre as Inteligências Múltiplas, de constatações auferidas durante o tempo em que duraram as atividades letivas. Por final, o presente artigo procura propiciar um entrelaçamento entre literatura, teatro, inteligências múltiplas e a própria vida.

"Pode-se notar que tanto os processos formais quanto os informais de elaboração de hipótese, experiência, conclusão, repetidos século após século, com novos dados, construíram as hierarquias de pensamento que eliminaram a maior parte dos inimigos do homem primitivo. Até certo ponto, a condenação da racionalidade por parte dos românticos deriva dessa mesma eficácia da racionalidade em tirar os homens de sua condição primitiva." PIRSIG (1993: 123).

Nenhum tema tem fascinado tanto a psicologia, a pedagogia, a matemática, as artes e a própria lingüística, como o estudo das inteligências. Buscou-se saber, ao longo do tempo, a melhor maneira de medir a inteligência e aí surgiram os testes de QI; a melhor definição para ela e aí apareceram as conceituações biológicas, psicológicas, antropológicas, sociológicas e outras tantas conceituações.

Ao alcançarmos a visão das proporções que o tema "inteligências múltiplas" alcançou em tão pouco tempo, não nos surpreende que nos surjam às mãos centenas de livros e milhares de artigos, todos produzidos nos últimos quinze ou vinte anos no máximo.

GARDNER (1998) expõe que, não obstante, tenha-se uma gama surpreendente de estudos acerca das inteligências, a palavra final sobre o assunto ainda não foi dita pela comunidade científica.

Considerando as concepções de inteligência em diferentes culturas e épocas, direciono o mérito desta reflexão em forma de artigo a cada uma das oito inteligências apresentadas pelos teóricos, do ponto de vista do trabalho com Língua e Literatura em sala de aula. Desta forma, vêm à baila as inteligências lingüístico-verbal, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista.

Cabe, no entanto, antes de entrar nas particularidades deste relato de experiências, referenciar uma a uma todas as inteligências de acordo com as características que as diferem das demais: Lingüístico-verbal: para os que pensam com palavras; Lógico-matemática: para os que pensam raciocinando; Espacial: para os que pensam por imagens e figuras; Corporal-cinestésica: para

os que pensam por meio de sensações somáticas; Musical: para os que pensam por meio de ritmos e melodias; Interpessoal: para os que pensam percebendo o que os outros pensam e sentem; Intrapessoal: para os que pensam em relação às suas necessidades, sentimentos e objetivos; e Naturalista: para os que pensam por meio da natureza e das formas naturais.

É oportuno afirmar aqui a impossibilidade de se observar a incidência das inteligências nos alunos, tão somente pelo contato que a sala de aula nos proporciona, especialmente, se se estiver trabalhando com oitenta ou mais alunos por dia. Cabe esclarecer a esta altura que, na qualidade de docente do ensino médio, técnico e superior de tecnologia, passaram-me "pelas mãos" no decorrer do ano 2000, um universo de cerca de 360 alunos. Evidentemente, tratou-se de adolescentes na faixa etária de 14 a 20 anos, salvo uma ou outra exceção.

Deste montante de 360 estudantes, retira-se 330 que foram alunos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Há que se inferir daqui, que nem todos foram observados e estudados. Selecionei uma turma com quarenta e três, dos quais registro as constatações que se seguem e que passo a aliar às teorias levantadas anterior e simultaneamente às observações, e que foram estudadas detalhadamente, no âmbito do campo de interesse que leva à produção deste artigo.

Em primeiro lugar, cedo espaço ao relato das experiências vivenciadas com meus alunos – os quarenta e três do segundo ano do ensino médio. Retomo aqui a ótica da inteligência lingüístico-verbal que, à medida que a experiência se sucede, vai-se entrelaçando com as demais inteligências.

Tem-se, na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, ministrada em todas as Unidades do CEFET/PR, a prática de leitura de uma obra da Literatura Brasileira, por bimestre, com o intuito de análise literária.

Há muito que pensava em uma forma de transformar a leitura de tais obras literárias em prazer sem limites para meus alunos. Ocorreu-me a possibilidade mais concreta em 1999, através da participação junto a meus alunos, de um concurso nacional de Literatura. Sem dar conta a ninguém, prossegui com a prática em 2000, qual seja: propus, em um primeiro momento, duas possibilidades – a primeira mantinha a linha tradicional de trabalho para o atendimento dos objetivos. Esta primeira forma envolve leitura, análise com identificação de foco narrativo, identificação de personagens principais e secundários, tempo cronológico ou psicológico, espaço e identificação das características inerentes à época a que pertence a obra; diga-se de passagem, tudo isto feito por escrito e em forma de trabalho a ser entregue, como também de avaliação escrita e/ou argüição oral sobre a obra lida. A segunda possibilidade sugerida versava sobre a tomada de uma das cenas da obra literária em questão para que fosse transformada em peça teatral (esquete) ou filmagem (caseira mesmo).

Como dir-se-ia na linguagem popular: "bingo!" Acertei em cheio. Uma pequena parte preferiu a forma de trabalho – a tradicional; a maioria optou pela segunda.

Cabe enfatizar que esta segunda opção cumpria igualmente todos os objetivos propostos com a forma tradicional, acrescidos do desenvolvimento de outras tantas competências e habilidades que seguem relatadas no decorrer deste artigo.

Antes de prosseguir, creio oportuna a reflexão de SACRISTÁN (1996), que contextualiza plenamente esta forma de processo ensino-aprendizagem pela qual fiz opção: O ensino como atividade desperta em todos nós uma série de imagens bastante comuns, pois está enraizado

na linguagem e na experiência cotidiana e não é apenas objeto dos especialistas ou dos professores/as. Todos temos experiência prática sobre o mesmo: conhecemos os ambientes escolares característicos, sabemos, grosso modo, o que são e o que fazem os professores/as que "ensinam", experimentamos o que é ser aluno/a em situação escolar, etc. Em ambientes não-escolares também identificamos com facilidade a atividade de ensinar. As práticas e as palavras têm sua história e refletem as atividades nas quais se forjaram os significados que arrastam até nós, projetando-se em nossas ações e pensamentos, na forma de dar sentido à experiência.

E a esta experiência foi conferido um sentido especial – vida mesmo – que me possibilitou não apenas avalia-los quantitativamente, atribuindo-lhes nota máxima, como também qualitativamente como seres humanos capazes de múltiplas possibilidades, dadas as múltiplas inteligências.

Além de um deleite todo especial, semelhante ao próprio dos deuses em seus divãs, servidos por uvas e finos licores, ao apreciar os verdadeiros espetáculos que montaram ao longo do ano, pude fazer também, uma série de registros sobre a/s inteligência/s que se destacava/m em cada um deles. Foram quatro obras: Lucíola, O Guarani, O primo Basílio e O Cortiço.

Os que optaram pelo teatro ou pelo vídeo, à primeira vista acreditaram em um trabalho mais fácil e com um grau menor de seriedade. Ledo e gratificante engano – por incauto que pareça o paradoxo.

Ao cabo de tudo, os "teatralógicos" e "cineastas", além de todo o trabalho de busca de materiais e equipamentos para contextualizar uma cena apenas da obra, haviam lido e relido a obra toda à busca de informações sobre cenários, figurinos, perfis psicológico e físico de personagens principais e secundários, contextualizações da obra no tempo e no espaço e... tudo com um prazer indescritível e com um encanto especial.

Depois de cada trabalho concluído, apresentado, filmado, fotografado e curtido sob todos os aspectos, minha pergunta a eles era inevitável: "E aí? O que é melhor? Ler a obra para responder a uma avaliação escrita, ou para fazer a melhor cena, ler a obra? A resposta é óbvia, sem contar algumas observações do tipo: "Professora, vamos trabalhar literatura sempre assim? É que não tem como esquecer pelo resto da vida." Ou "Professora, quando eu estiver fazendo vestibular, vou me lembrar de cada uma das características desta obra. É impossível esquecer." Infiro destas constatações, uma aprendizagem altamente significativa e prazerosa.

E aí vêm os registros das Inteligências Múltiplas? Constatei no âmbito da Inteligência Lingüístico-Verbal, doze alunos e alunas que escrevem melhor do que o normal para a sua faixa etária, com capacidade para inventar histórias extraordinárias, contar piadas e histórias; uma parcela de dezoito alunos/as apresentou excelente memória para nomes, lugares, datas e fatos, com um gosto surpreendente por jogos e palavras; vinte e dois demonstraram um gosto além do normal pela leitura de livros, jornais, revistas e outros; quinze apresentaram um bom vocabulário para a sua idade. Todos os observados comunicam-se com os outros de forma predominantemente verbal. Estes pontos evidenciaram-se no decorrer de todas as aulas de Língua e Literatura.

Nas constatações sobre a Inteligência Lógico-Matemática, pude registrar quinze alunos/as que faziam mais perguntas sobre como as coisas funcionam e, ao mesmo tempo, apresentaram capacidade e gosto pela resolução de enigmas lógicos ou quebra-cabeças. Doze demonstraram

apreciar colocar as coisas em categorias ou hierarquias, trabalhando incrivelmente bem com o pensamento em nível mais abstrato ou conceitual do que seus colegas, com uma excelente noção de causa e efeito para sua faixa etária. No teatro (preparação e apresentação), todos estes itens foram constatados com extrema clareza. (Há registros em vídeo).

Na investigação sobre a Inteligência Espacial – no decorrer dos trabalhos, observou-se que nove alunos/as tiveram a capacidade superior aos demais, de relatar imagens visuais claras, lendo mapas, gráficos e diagramas mais facilmente do que textos; cinco demonstraram a capacidade de "sonhar acordados", bem mais do que os colegas, manifestando também uma queda especial pelas atividades artísticas, transformando textos em figuras com extrema facilidade. Seis manifestaram interesse acima do comum por atividades como labirintos ou do tipo "Onde está Wally?", como também outras atividades visuais. Quando liam, doze alunos/as demonstraram extrair mais das figuras do que das palavras.

Sobre a Inteligência Corporal-Cinestésica, tenho a constar que três alunos/as, demonstraram agitar-se, sacudir-se, tamborilar os dedos ou ficar inquietos enquanto permaneciam sentados por muito tempo no mesmo lugar. Quinze manifestaram ter força de expressão ao se manifestar, imitando também habilmente gestos ou costumes dos colegas; a maioria demonstrou não hesitar em colocar a mão naquilo que viam; onze conseguiram relatar sensações físicas diferentes enquanto pensavam ou trabalhavam em grupo ou individualmente; quatro destacaram-se em um ou mais esportes. Prova disso foi a liberação dos mesmos a pedido, para que pudessem participar do JECEFET. A habilidade corporal também ficou completamente evidenciada por trinta e nove dos quarenta e três alunos, quando da apresentação teatral e/ou em vídeo.

No âmbito da Inteligência Musical, quarenta dos quarenta e três demonstraram habilidade além da comum para lembrar melodias de canções e onze deles conseguiram identificar sons musicais dissonantes; cinco têm excelente voz para cantar e oito tocam instrumentos musicais ou de percussão, participam de bandas ou cantam em vocais; três cantarolam inconscientemente para si mesmos (uma aluna chega arriscar tons de ópera); todos demonstraram sensibilidade a ruídos ambientais, como por exemplo, de chuva ou explosões. Todos reagiram favoravelmente quando lhes eram colocadas músicas em atividades de produção lingüística.

Aspecto da Inteligência Interpessoal: Salvo um aluno(que desistiu no último bimestre), os outros todos demonstraram gosto pela socialização com os colegas e, pelo menos quatro, demonstraram serem líderes natos; oito demonstraram solidariedade a colegas em dificuldade (como foi o caso de um deles que perdeu a namorada em acidente automobilístico no terceiro bimestre); trinta e cinco afirmaram pertencer a clubes e outras organizações; a maioria tem dois ou mais amigos íntimos; vinte e seis tem um bom senso de empatia ou preocupação com os outros e são procurados como companhia.

Quanto às observações sobre a Inteligência Intrapessoal, cinco demonstram senso de independência ou forte vontade própria, tendo uma percepção realista das próprias forças e fraquezas, oito destacaram-se pelo bom senso de autodirecionamento e expressando-se com exatidão sobre como sente; dezessete demonstraram capacidade maior do que a comum em aprender com seus fracassos e sucessos.

E, ao registrar sobre a Inteligência Naturalista, observei que a totalidade dos/as alunos/as gosta de sair passear ao ar livre com a turma, de ir ao zoológico ou a museus de história natural; trinta

e cinco entusiasma-se com assuntos como ecologia, natureza, plantas ou animais, defendendo em sala de aula os direitos destes e a preservação do planeta. Cinco trouxeram para a escola insetos, flores, folhas de árvores e arbustos, bem como animais (bezerinho que ilustrou uma das peças), cães e gatos.

O mais fascinante em meio a todas estas práticas e teorias, é que se conseguiu um *lugar* especial para o acontecimento-realização dos potenciais das inteligências múltiplas. E não é *lugar comum*. Pode-se dizer que tanto o ambiente físico, como o ambiente psicológico da aprendizagem, favoreceram o processo como um todo: o do ensinar-aprendendo e o do aprender-ensinando, em que a professora pôde funcionar, de fato, como verdadeira mediadora na construção / descoberta do conhecimento.

Conforme CAMPBELL, CAMPBELL e DICKSON (2000), as salas de aula podem ser transformadas em ambientes que melhorem o ensino como reflexão, entusiasmo e planejamento do ambiente. Anne Taylor, arquiteta especializada em ambientes de aprendizagem, da Universidade do Novo México, recomendam o estabelecimento de várias áreas adequadas para as classes de ensino fundamental e médio.

Embora não tenhamos tido áreas exclusivas para tal fim, junto com os alunos, descobrimos espaços alternativos para o "acontecimento" efetivo da aprendizagem em literatura: os fundos da própria sala de aula, o gramado ocioso, a rampa de acesso, o saguão de entrada, entre outros espaços que se mostraram vitoriosos na efetivação de nossos processos.

Quanto à opção que os alunos fizeram junto a mim, de trabalhar literatura viva, através de teatro e vídeo, posso tranquilamente reportar-me novamente a CAMPBELL, CAMPBELL e DICKSON (2000) que afirmam que "o teatro tem servido como um método de aprendizagem e recordação desde o início da história registrada. Pinturas nas paredes das cavernas descrevem a representação de grandes caçadas e feitos heróicos. As peças da antiga Grécia foram escritas não somente para divertir e proporcionar catarse emocional, mas também para educar. Os dramas apresentados nos degraus das igrejas e dos templos medievais ensinavam as pessoas analfabetas a moral e a história de sua religião. Os teatros de hoje e a televisão, também são forças educacionais poderosas da sociedade – feliz ou infelizmente. Os autores, enquanto professores, muitas vezes se perguntam como é possível ensinar qualquer coisa sem o teatro! Ele proporciona aos alunos oportunidades de praticamente se tornarem o que estão estudando e é uma maneira poderosa de trazer à luz o conteúdo estudado." Aprender através do teatro é importante em qualquer nível escolar, mas mais especialmente na fase do ensino médio, quando as mudanças hormonais, físicas e psicológicas tornam ainda mais difícil a aprendizagem abstrata. Quer os alunos apresentem uma peça formal diante de uma platéia ou participem de jogos teatrais não destinados a um público, em geral o resultado é uma melhora na aprendizagem.

As produções de teatro formal envolvem todas as inteligências de maneiras dinamicamente relacionadas. Ler a peça, assumir os papéis, memorizar as falas e as ações, criar os trajes e os cenários, ensaiar a música e, às vezes, a coreografia e, finalmente, representar diante de uma platéia convidada, tudo isso resulta em experiências memoráveis, aumento da autoconfiança e do equilíbrio e uma aprendizagem que dura a vida toda.

Está provado que os desempenhos de papéis acrescentam ação à linguagem, são instrumentos poderosos para transmitir informações e também desenvolvem habilidades interpessoais, intrapessoais e de resolução de problemas. Há três passos principais na preparação dos

desempenhos de papéis: planejamento, ensaio e apresentação/avaliação.

Poder-se-ia discorrer infinitamente sobre este tema tão encantador. Há ainda muito para se escrever e falar. Há mesmo quem diga que ele é inesgotável. Há em mim uma certa certeza de que não se trata de um tema único: afinal, há aqui literatura, inteligências múltiplas, teatro e vida. Certamente, sobre cada um deles, é possível escrever-se um tratado. Mas isto fica para uma nova história, uma nova etapa, uma outra oportunidade.

Assim, ainda faço caber uma frase de Goethe para mim e para qualquer professor ou outro ser humano que tenha passado os olhos por este artigo: "Trate as pessoas como se elas fossem o que deveriam ser e você as ajudará a se tornarem o que são capazes de ser."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências Múltiplas na sala de aula**, 2. ed., ArtMed, Porto Alegre: 2001.

CAMPBELL, Linda (et alii). **Ensino e aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**, 2. ed., ArtMed, Porto Alegre: 2000.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**, 2. ed., Col. Estética/Estudos, Ed. Perspectiva, São Paulo: 1986.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*, em **Pedagogia do oprimido**, Paz e Terra, Rio de Janeiro: 1970.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**, ArtMed, Porto Alegre: 1995.

GARDNER, Howard (et alii). **Inteligência: múltiplas perspectivas**, ArtMed, Porto Alegre: 1998.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. brasileira, Martins Fontes, São Paulo: 1991.

SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. ArtMed, Porto Alegre: 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and Language**. MIT Press., Cambridge: 1962.

DADOS DA ENSAISTA

Maria Fatima Menegazzo Nicodem

é Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

da Unidade de Medianeira do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

desde 1994 e Mestranda em Engenharia da Produção/Mídia e Conhecimento pela UFSC.

